



## **Nossa terra sangra, nosso povo chora, nossa luta continua.**

O Movimento Águas e Serras de Casa Branca - Brumadinho, vem a público manifestar indignação e dor diante do crime cometido pela Vale S.A. Somos um movimento popular, livre e autônomo que nasceu em 2010, na comunidade da Jangada, vizinha do complexo minerário Paraopebas e do Córrego do Feijão, quando chegou água barrenta em nossas torneiras devido às sondagens realizadas pela empresa. Desde então atuamos no questionamento ao *modus operandi* da companhia, que viola direitos humanos, desrespeita as comunidades, descumpre a legislação ambiental, não implementa adequadamente medidas básicas de segurança e atua com falta de transparência.

Realizamos uma série de atividades ao longo desses nove anos: incidência nos processos de licenciamento (solicitação de audiência pública e protocolo de documentos e recursos junto aos órgãos responsáveis), mobilização social, educação ambiental, denúncias junto ao Ministério Público e realização de diversas reuniões para a disseminação de informações para as comunidades atingidas e ameaçadas pelas operações e pelas condutas inadequadas da empresa, especialmente no que diz respeito à manutenção de nossa segurança hídrica e a possibilidade real de tragédias como a ocorrida em 25 de janeiro de 2019.

Exigimos, na ocasião da votação da renovação da licença de operação da mina de Córrego de Feijão, que a companhia se relacionasse com a população diretamente atingida para informar suas atividades e pretensões no território e considerar a opinião dos moradores a respeito. Foi aprovada então uma condicionante que obrigava a empresa a criar um “Fórum de Relacionamento com as comunidades da Jangada/Casa Branca e Córrego do Feijão”. Participamos durante um ano e meio de reuniões bimestrais nas dependências da Vale S.A. e fomos obrigados a abandonar o espaço devido às regras e métodos definidos pela empresa, à omissão e à manipulação de informações. Não podíamos fotografar, filmar e não podíamos ter acesso às apresentações ali realizadas pelo corpo técnico da mineradora. Além disso, as atas não refletiam tudo o que havia sido debatido. Neste momento de profunda revolta pelas vidas perdidas, podemos afirmar sem medo que existia a intenção de nos “enrolar”, o que sem dúvida caracteriza má fé por parte da empresa. Desde então nós nos recusamos a interagir com a companhia sem a presença de um ator externo, como o Ministério Público e/ou outros órgãos do Poder Executivo e Legislativo.

Além da tentativa frustrada de interação com o representantes da Vale S.A. atuantes em Brumadinho e no Estado de Minas Gerais, procuramos também levar nossas preocupações aos acionistas da empresa e aos membros de sua Diretoria Executiva. Isso foi feito através de nossa participação nas Assembleias anuais de acionistas da empresa, em sua sede global, no Rio de Janeiro. Mais uma vez nossas colocações apresentadas ali não foram levadas a sério.

Enfim, temos uma longa história para contar... O fato relevante é que existe, há anos, um notório conflito entre a comunidade e a Vale, apesar de seus representantes terem dito durante a reunião do Conselho Estadual de Política Ambiental, no dia 11 de dezembro de 2018, quando o Estado concedeu a permissão para a "Continuidade das Operações das Minas da Jangada e Córrego do Feijão", que a população estava ciente e de acordo com o projeto. Mais uma vez a empresa mentiu na nossa cara sem o menor pudor. E o mais triste foi que o Estado e os conselheiros deste órgão colegiado preferiram acreditar na empresa e ignorar as diversas manifestações e críticas realizadas pela população.

É com profunda dor que afirmamos que o crime da Vale foi uma tragédia anunciada. Falamos e não nos deram ouvidos. Gritamos e, como de costume, eles nos ignoraram.

Enfrentamos muitos desafios ao longo da caminhada. Entre eles, destacamos a relação de dependência econômica do município de Brumadinho com as mineradoras, o que mantém muitas pessoas e a prefeitura reféns das empresas, de suas migalhas e empregos precários. Éramos vistos como os "ecochatos" contra o desenvolvimento. Esta caracterização não é fortuita - ela decorre de uma atuação intencional da própria mineradora, que deslegitima, vulnerabiliza e criminaliza aqueles que defendem direitos humanos e ambientais em Brumadinho e em todas as áreas nas quais atua. Fizemos várias investidas para esclarecer a população que queremos, sim, o desenvolvimento e a prosperidade econômica e social. Acreditamos que o turismo ecológico, rural e gastronômico, que viabiliza toda uma cadeia de serviços, e a produção de alimentos livres de agrotóxicos é a vocação natural de nosso município.

### **A luta continua**

Apesar da profunda tristeza e do luto que rói nossos corações, temos consciência de que agora, mais do que nunca, precisamos intensificar o nosso trabalho. Definimos algumas ações prioritárias, a saber:

- Apoiar as famílias atingidas para a superação da dor e para a devida reparação integral das perdas (apesar de termos clareza que várias dessas perdas são irreversíveis e irreparáveis);
- Exigir a recuperação da bacia do Rio Paraopeba;
- Exigir que nenhum trabalhador(a) seja demitido(a) e que a empresa siga pagando royalties para que Brumadinho não entre em colapso;
- Demandar o fortalecimento do sistema de saúde municipal para atender adequadamente a população que tende a desenvolver uma série de doenças físicas e psicológicas devido à magnitude do trauma sofrido e à contaminação do rio e demais corpos d'água;
- Seguir questionando o modelo mineral brasileiro para que outros municípios não passem pela terrível situação que vivemos neste momento;
- Fortalecer as parcerias históricas que sempre estiveram conosco em todas as batalhas: Movimento pelas Serras e Águas de Minas (MovSAM), Articulação Internacional dos Atingidos e Atingidas pela Vale (AVs) e Observatório de Conflitos Mineiros da América Latina (OCMAL);
- Estabelecer novas parcerias com movimentos e instituições que compartilham conosco os mesmos princípios;
- Monitorar as demais mineradoras e barragens de rejeito em nosso município e no entorno;
- Impedir que a Mineração Geral do Brasil (MGB) abra a Mina Casa Branca, localizada no Parque Estadual Serra do Rola Moça, e que o passivo deixado pela Extrativa Paraopeba seja definitivamente resolvido;
- Exigir que a Vale permaneça em nosso município até que repare adequadamente todas as vítimas, recupere todos os seus passivos e que em seguida nos deixe em paz para que possamos consolidar as alternativas econômicas baseadas no bem viver e no respeito à Natureza.

Agora, Basta! Chega de impunidade e desrespeito.

Nosso território é o nosso corpo e nós temos o direito de dizer não.

Por fim, agradecemos por toda a solidariedade recebida de diversas partes do mundo e fazemos um apelo para que a imprensa, os parlamentares, as instituições jurídicas e demais órgãos do Estado não caiam na cooptação e no jogo de manipulação da empresa, de tal forma que todos os responsáveis por esse estarrecedor massacre coletivo sejam punidos civil e criminalmente e que todos os danos sejam totalmente reparados.

Nossas vidas não têm preço. Nossos valores são inegociáveis.